

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 06

Data: 06.09.74

Pg.: _____



Foto Elaine Borges

Xokleng, a saudade das matas e o vazio do futuro dividindo gerações de índios perseguidos

Perto de Florianópolis, um grupo de índios isolados

ELAINE BORGES
Correspondente em
Florianópolis

O antropólogo Silvio Coelho dos Santos, diretor do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, solicitou ao governador Colombo Salles que seja interdita e preservada uma área da Serra do Taboleiro. Ao secretário Especial do Meio-Ambiente, o antropólogo pediu a implantação de um parque florestal e faunístico. E à Funai, Silvio Coelho recomendou que envie sertanistas habilitados para a área. Toda essa preocupação concentra-se em torno de um grupo de 10 a 20 índios xokleng que vivem no local sem terem mantido nenhum contato com a civilização.

O número de índios ainda isolados foi calculado após a excursão que o antropólogo, dois funcionários da Universidade, dois guias e um xokleng aculturado fizeram à região, incluída na Grande Florianópolis. "Alguns rastros humanos, picadas e um vestígio de caça recém-morta foram encontrados e identificados pelos índios integrantes do grupo como sendo deixados ou feitos por não-civilizados. Contudo, os índios mais típicos, as picadas, não eram recentes".

Apesar de extremamente acidentada, e de ter trechos de vegetação espinhenta, a região da Serra do Taboleiro já foi descoberta por madeiros e extratores de palmito, que começam a por todas as árvores abaixo. Basta requerer uma gleba ao Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina, sob o pretexto de que as terras são devolutas, para que o interessado obtenha um título de propriedade. Por isso, o antropólogo Silvio Coelho sugere a implantação da reserva natural, meio eficaz não só de proteger a fauna e a flora como man-

ter o ambiente natural para os índios que ainda não se motivaram a aproximar-se da civilização.

NO MATO, A VIDA

Os que se aproximaram e se integraram — cerca de 600 — vivem hoje, nostálgicos, no Posto Indígena de Ibirama, que a Funai mantém nesse município catarinense. Vailui, uma velha índia de mais de 100 anos, sentada no chão, rodeada de trapos, aquecendo-se num fogo permanente feito num buraco, comenta: "Tudo que andei aqui me lembro e sei tudo. Gostava quando andava no mato, tinha fartura. Agora, aqui fora, a fartura está faltando". Vaikomê, outra velha índia, mata as saudades caninhando pela mata rala que cerca o posto e só regressa à noite.

Dili Kuzu, índio de idade avançada, também caminha os três quilômetros que separam sua casa da sede do posto e lamenta a vida de hoje em comparação com a anterior. "No mato era bom, aqui é ruim. Existe muita doença e no mato eu nunca fiquei doente. No mato eu não sabia de comprar roupa, agora preciso de dinheiro porque tenho que comprar roupa".

A 300 quilômetros de Florianópolis, o Posto de Ibirama — antigo Duque de Caxias — está ficando no vale do rio Itajaí Norte e reúne cerca de 600 índios xokleng, kainkang e guarani, estes em minoria, além de alguns caboclos. A floresta que os cerca, com muitas palmeiras, fez os índios abandonarem sua agricultura tradicional para se dedicarem à extração do palmito. Mas voltaram a plantar fumo, milho, mandioca, batata, arroz e feijão, embora sem a mínima orientação técnica. A chefia do posto está pensando em obter financiamento do Banco do Brasil aos agricultores (três conseguiram no ano passado e se saíram bem). Outro projeto: aposentadoria, por intermédio do Funrural, aos velhos índios que não conseguem trabalhar.

Dedicado a pesquisas antropológicas sobre os xokleng (escreveu o livro "Índios e Brancos no Sul do Brasil"), Silvio Coelho dos Santos também se preocupa com a sobrevivência dos índios que vê definhando lentamente. Algumas de suas propostas para, sem "estereótipos e preconceitos", apoiar-se os índios inteligentemente:

- Transformação da área indígena, assegurada pelo título definitivo expedido pelo governo de Santa Catarina, em reserva natural, reconhecendo-se como relevante e retribuindo-se o esforço dos índios pela prática de medidas não depredatórias.

- Dinamização da economia tribal, a partir do reconhecimento de que o indígena deve ser auxiliado em suas iniciativas e de que toda a renda gerada pelo esforço indígena somente seja utilizada em seu favor ou para o grupo a que pertence; que também seja admitido que a função do indigenis-

ta é estimular, orientar e assegurar os índios em suas decisões, sem jamais dominar;

- Valorização do indígena, especialmente nas áreas regionais em que está localizado, objetivando a eliminação dos estereótipos e preconceitos — agentes básicos da dominação;

- Preservação da saúde indígena e dinamização de práticas higiénicas e sanitárias destinadas à melhoria dos padrões de saúde do grupo.

Para melhoria do trabalho, o antropólogo sugere: orientação e estímulo e ajuda concreta permanente para os indígenas dinamizarem suas atividades agrícolas e artesanais, as únicas capazes de no momento lhes garantir uma base econômica estável e auto-suficiente; opção pela dinamização do trabalho individual, embora reconhecendo que em muitas atividades o trabalho coletivo convenha ser praticado; organização de uma cooperativa de produção e consumo destinada a comercialização a produção indígena.

Funai manda apurar

A Funai, depois de receber um relatório de Silvio Coelho sobre a provável existência dos xokleng isolados, autorizou o antropólogo a chefiar uma expedição para tentar o contato com os índios. Os técnicos indigenistas, em Brasília, acreditam como muito viável a existência dos índios, lembrando que o grupo xokleng sofreu perseguições sucessivas de co-

lonos que foram se instalando no interior do Estado. Em seu livro "Os Índios e a Civilização", Darcy Ribeiro conta que foram organizadas expedições punitivas contra os xokleng, lideradas por bugreiros, que matavam homens, mulheres e crianças. "Esse grupo pode ser composto de descendentes de índios que se refugiaram na serra do Taboleiro" — comentam os indigenistas.

ESP
6.9.74